



NUNO CAMARNEIRO
Universidade
de Aveiro
nfc@ua.pt

COMO ESTAMOS A PENSAR?

Como pensamos o que pensamos? Quantos de nós já pensaram nisso? Afinal, o que são os pensamentos? Palavras, imagens ou uma mistura das duas?

Cada vez mais vou encontrando membros das gerações mais novas (alunos, leitores, filhos de amigos) que admitem ter uma relação precária ou distanciada com a palavra escrita. Custa-lhes encontrar as palavras certas para exprimirem o que sentem e acabam por recorrer a “emojis” e a memes para comunicarem aos amigos ou namorados as suas alegrias, tristezas e frustrações. Muitos têm grandes dificuldades em concentrarem-se num texto por mais do que alguns segundos, o que lhes limita a capacidade de interpretar e comentar o que leem. As respostas que leio nos exames de alunos de vinte e poucos anos tendem a ser fragmentadas e mal construídas, peçadas de erros ortográficos e discordâncias gramaticais. É frequente perguntarem-me se podem desenhar um esquema para representar um conceito ou organizar um conjunto de ideias, e a verdade é que o fazem muito bem.

A psicóloga Linda Kreger Silverman, investigadora no Institute for the Study of Advanced Development de Denver, Colorado, publicou em 2005 um estudo que incidia numa população de 750 crianças em idade escolar e no qual se afirmava que 30% das crianças pensavam sobretudo por imagens, 45% recorriam tanto a imagens como a palavras e que apenas 25% das crianças recorriam exclusivamente a palavras para estruturar o pensamento. O meu palpite de leigo é que estes 25% de 2005 serão hoje

muito menos, fruto da evolução tecnológica que continua a privilegiar a imagem e o som em detrimento do texto. Será isto um mal? Não estou certo, mas é algo com que todos os pais e professores terão de lidar.

Quando vou a escolas secundárias pergunto sempre aos alunos quantos leram um livro da série “Harry Potter” antes de verem os filmes. Há sempre um ou dois braços levantados, mas não mais. A grande maioria ficou pelos filmes e alguns poucos leram os livros sem poderem imaginar um Harry Potter e um Voldemort diferentes dos que Hollywood já lhes tinha dado. Antes dos filmes todos os Harry Potter são diferentes, depois dos filmes todos ficam iguais.

O perigo que o abuso das tecnologias audiovisuais comporta não é tanto o de transladar o pensamento do texto para as imagens, mas sim o de atrofiar a capacidade de criar imagens únicas e originais. Parece-me difícil que a criação artística, científica e literária ocorra em cérebros que sentem e pensam unicamente por “emojis” e memes, onde tudo o que se pensa foi, afinal, já pensado. Acredito que os livros têm ainda um papel fundamental no desenvolvimento das capacidades de aprendizagem que nenhum outro meio pôde ainda suplantar, mas se calhar sou só eu, que insisto em pensar com palavras.